

OS CRUZAMENTOS VOCABULARES E OS SUFIXOS⁴

LEXICAL BLENDING AND SUFFIXES

Nilsa Areán-García (USP⁵)

Sob a pele das palavras há cifras e
códigos

(Carlos Drummond de Andrade)

Resumo: Neste artigo analisa-se, na língua portuguesa, a relação entre *cruzamentos vocabulares* e o que aqui denominamos: *cruzamentos entre sufixos*. Para tanto, estuda-se o uso de *asterístico* no lugar de *asterisco*, em *corpus* do *Google Books*, concluindo que o processo denominado cruzamento, não ocorre apenas entre palavras, mas também entre outras unidades lexicais, tais como sufixos.

Palavras-chave: Cruzamentos vocabulares; cruzamentos entre sufixos; língua portuguesa.

Abstract: In this paper we analyze, in Portuguese Language, the relationship between *lexical blending* and what we denominate here: *suffixal blending*. Therefore, we study the using of *asterístico* instead of *asterisco* in the *Google Books corpus*, concluding that the process called *blending* occurs not only between words, but also

⁴ Agradeço à Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa pela oportunidade e encorajamento em apresentar, durante o XV MiniEnapol, o trabalho que culminou neste texto.

⁵ Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. nilsa.arean@gmail.com

between other lexical units, such as suffixes.

Keywords: Lexical blending; suffixal blending; Portuguese Language.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o fenômeno chamado de cruzamento vocabular, se dá quando a palavra é formada pela união morfofonológica, entre duas ou mais unidades lexicais, motivada pelo resultado semântico e seu âmbito de uso. De modo semelhante, existe o fenômeno, que aqui chamaremos de cruzamento entre sufixos, baseado na similaridade fonética, no sentido semântico, na frequência e no âmbito de uso. Assim, a partir das noções de cruzamento vocabular e da teoria do reconhecimento de padrões, neste trabalho, apresenta-se uma análise na língua portuguesa, a título de ilustração, da palavra *asterístico* do ponto de vista do uso do sufixo *-ístico(a)* em detrimento de *-isco(a)*. Para tanto, utiliza-se como *corpus* as ocorrências mais antigas da palavra *asterístico* encontradas em *Google Books*. Deste modo, observa-se que os sufixos podem carregar conteúdos semânticos, como ainda traços indicativos dos gêneros textuais em que se inserem, época de atuação, entre outros traços culturais designativos.

CRUZAMENTO VOCABULAR

É sabido que, na fala popular podemos encontrar com grande produtividade, o que os gramáticos costumam chamar

de “erros” por se desviarem da norma culta da língua, mas que estão envolvidos como constituintes nos processos de aquisição de palavras no idioma materno. Muitas vezes, a aprendizagem e criação de novas palavras pelo falante se dá, como no caso de uma criança que está aprendendo a falar, por meio da escuta e repetição pela fala, passando pelos estágios de associação, interpretação semântica, correção e/ou adaptação. Neste sentido, podemos considerar que palavras como *jaboticaba* e *boeiro* ocorrem popularmente no processo de hipercorreção do falante ao trocar *u* por *o*, associado, a exemplo da norma culta, com a ocorrência de *o* em *botijão* e *poeira*.

Há, ainda, o fenômeno chamado, entre outros nomes, de cruzamento vocabular ou cruzamento lexical, mesclas, amálgama, palavras-valise, palavras *portmanteau*, *blends*, mesclagens lexicais etc., na reprodução de palavras pelo falante. Cujas ocorrências, segundo Cardoso (2010, p. 215), se dá quando a palavra é formada pela união morfofonológica, entre, no mínimo, duas unidades lexicais, impulsionada e motivada pelo resultado semântico e seu âmbito de uso. Por exemplo, quando uma parte da palavra se assemelha a outra foneticamente e sua conotação semântica pode ser próxima. Neste caso, que é muito produtivo no português, embora pouco estudado no âmbito da formação de palavras, encontramos exemplos como: “bilhete de *entregação* ônibus e metrô”; no qual o falante pode associar, entre outras

possibilidades semânticas, *entregar* ao ato de entregar o bilhete no transporte coletivo, ou de o transporte *entregá-lo* em seu destino. Fato é que, neste caso, *entregar* está mais próximo semanticamente do contexto do falante que *integrar*, fazendo-lhe mais sentido.

Analogamente, ocorre com a ameixa *reubennel*⁶, cujo nome científico é *Prunus salicina Lindl.* Esta variedade é cultivada na África do Sul, pelo menos desde os anos 1970, e de lá foi trazida à região sul do Brasil, onde se tornou conforme Kluge, Bilhalva e Cantillano (1996), uma das variedades mais bem adaptadas às nossas condições climáticas, principalmente no estado do Paraná a partir dos anos 1990, proporcionando grande rentabilidade e fácil comercialização ao agricultor. Dessa forma, conjectura-se que facilmente esta variedade chegou às feiras, quitandas, mercados, sacolões etc., daí às mesas brasileiras, e com sua grande popularidade passou a ser conhecida pelo nome *rubi-mel*. Se por um lado, o vocábulo *reubennel*, que possivelmente seja o sobrenome da família cultivadora da espécie e importado da África do Sul para o Brasil, não faz sentido por si só para a maioria dos falantes da língua portuguesa. Por outro, a palavra *rubi-mel* é foneticamente próxima da original *reubennel* e semanticamente mais coerente no contexto para o falante, já que *rubi* lembra a coloração vermelha da fruta e *mel* é associado ao paladar desejado. Uma vez mais, o nome

⁶ Agradeço ao Prof. Dr. Claudio Gorodski por este exemplo.

utilizado pelo falante lhe é muito mais próximo de sua realidade.

Dessa maneira, o falante ouve a palavra e no momento de reproduzi-la fará a correção e/ou adaptação de forma que se torne mais adequada à sua interpretação semântica e ao seu contexto, como também, quando for o caso, à sua variante fonética.

Dessa forma, não obstante o cruzamento vocabular tenha sido pouco estudado e seja atribuído, segundo alguns especialistas da língua, a problemas na escolarização ou ainda à ignorância do falante, pode-se notar que o fenômeno ocorre nas mais variadas camadas sociais e, conforme os exemplos ilustrados anteriormente, pode ser analisado. Assim,

Embora considerado um processo de formação de palavras “marginal”, as mesclas têm sua função e podem ser sistematizadas e estudadas como um processo. Sua principal função, ao se manifestarem no discurso concretamente realizado, é mostrar que o enunciador é capaz de revelar seus conceitos internalizados e os efeitos de sentido que pretende apresentar, por meio da criação lexical. (CARDOSO, 2010, p. 221).

ANÁLISE DOS CRUZAMENTOS VOCABULARES

Segundo Macedo (2005, p. 19), quando o falante produz uma palavra, esta produção quer ser ouvida, compreendida, respondida e quer, por sua vez, ser rebatida; questionar e ser novamente respondida, pois conforme as

teorias bakhtinianas, uma só palavra pode formar um enunciado, parte de um discurso, que está sempre marcado ideologicamente pela mediação de signos linguísticos. Deste modo, no processo de formação de palavras, estas estão sendo sempre carregadas de significações históricas, sociais, ideológicas, que se alteram com um ou outro morfema na sua construção. A título de ilustração, dizer *pianista* ou *pianeiro*, com apenas a troca de um sufixo, altera toda a carga semântica da palavra e até mesmo o contexto que está por traz de cada enunciado. Observa-se, então, que os enunciados são produzidos de forma consciente e, por serem fenômenos dialógicos, implicam a produção de *contrapalavras* vinculadas às palavras do outro, assim se refletem mutuamente por meio de um processo de compreensão e, portanto, não existem por si só, ou isoladamente.

Assim, podemos conjecturar que a formação de palavras pelo falante é um processo dialógico com o outro, e nessa formação entra em cena o discurso, bem como o desejo de compreensão e, muitas vezes, aceitação pelo interlocutor. Neste sentido, os falantes produzem palavras diferentes em diferentes contextos, em diferentes âmbitos e gêneros do discurso. Portanto, cada etapa da aprendizagem e da produção de palavras pelo falante pode ser analisada, pois ocorrem dentro de um contexto específico e visando a um objetivo concreto.

Em contrapartida, ao estudar a formação de palavras, sabemos que:

Da competência lexical do usuário de uma língua fazem parte tanto a capacidade de formar e entender palavras novas como a de atribuir estrutura às palavras já integrantes do léxico. Podemos, portanto, admitir um inter-relacionamento entre as regras de formação de palavras e as regras de análise da estrutura das palavras. Essa interação se confirma quando acontecem formações novas. (SANDMANN, 1991, p. 44-45).

Isto significa que há algumas etapas interligadas no processo de formação de palavras para o falante de uma língua: numa primeira fase, o falante entende as palavras novas e equivale a formação de paráfrases que explicam o seu entendimento; numa segunda fase, o falante reconhece os elementos envolvidos no processo de formação de uma palavra nova, que equivale ao reconhecimento das regras de formação de palavras; numa terceira fase, o falante produz palavras novas aplicando o mesmo processo reconhecido na segunda etapa, que equivale a aplicação das regras de formação de palavras. A terceira fase desse processo, isto é, a aplicação das regras e a produção efetiva de palavras novas irá indicar a produtividade da regra de formação de palavras. Assim, de acordo com Aronoff (1976, p. 62) e Sandmann (1991, p. 62-64) existe uma estreita e importante relação entre coerência semântica e produtividade na formação de vocábulos.

Tomando como exemplo a palavra *conhecidência*, usada ao invés de *coincidência* no contexto de encontro ao acaso entre duas ou mais pessoas conhecidas, utilizando as fases descritas anteriormente no processo de formação de palavras e tendo-as adaptado ao reconhecimento de padrões pelo falante, conseguimos esquematizar, *grosso modo*, o processo de aprendizagem e reprodução de uma palavra em cinco fases que estão descritas a seguir, partindo da palavra *coincidência* e terminando na produção da palavra *conhecidência*, a título ilustrativo.

Assim, considera-se que a primeira fase do processo é o primeiro contato do falante com a palavra, seja um contato oral ou escrito. Suponhamos, então, que dois colegas de trabalho se deparem, ao acaso, em uma feira livre. Um deles dirá que é uma *coincidência* tal encontro. O outro terá o seu primeiro contato com a palavra ao ouvi-la.

Inicia-se, então, a segunda fase do processo que é a internalização da palavra, ou seja, o reconhecimento da palavra como nova, dentro do contexto específico de um encontro ao acaso entre conhecidos. Neste dado momento, o falante percebe que *coincidência* não pertence ao seu vocabulário interno de palavras e, portanto, é uma palavra nova que precisa ser aprendida.

Sabemos que o cérebro humano apresenta uma capacidade de processar informações novas por meio de analogias e similaridades com as informações que já conhece

e sobre as quais apresenta um bom domínio. Ou seja, o ser humano procura aprender o desconhecido por meio de aproximações ao que já lhe é conhecido. Esta é, então, a terceira fase do processo, ou seja, a busca e o reconhecimento de padrões conhecidos próximos ao da palavra desconhecida. No exemplo, a palavra *coincidência*, não pertence ao vocabulário do falante ou lhe apresenta pouca frequência de uso, o mesmo ocorre com *coincidir* e com *incidir*, que pouco ou nada lhe significam no contexto em que se depara no momento. No entanto o falante reconhece o sufixo *-ência*, pela sua presença em demais palavras de seu vocabulário interno. Assim, continuando a busca por similaridades fonéticas e semânticas em seu vocabulário interno, o falante encontra a palavra *conhecidos*, que lhe é bastante frequente e faz algum sentido semântico, já que o contexto é um encontro ao acaso entre *conhecidos*. Desse modo, é como se o falante reservasse a palavra *conhecidos* e o sufixo *-ência*, dentro de seus padrões reconhecidos.

Chegamos, agora, a quarta fase do processo que é o reprocessamento da palavra, na qual o falante reestrutura a palavra a partir dos padrões reconhecidos na fase anterior, criando uma nova palavra. Seguindo o exemplo, o processo ocorre como se o falante criasse uma paráfrase sua e interna da palavra *conhecidência*, com a palavra *conhecidos* e o sufixo *-ência*.

A quinta fase é a reprodução e uso da palavra aprendida e reestruturada em seu contexto. Por exemplo, o falante responde ao seu colega dizendo-lhe que foi realmente uma *conhecidência*. E a partir de então usará a palavra *conhecidência* no contexto específico que designa encontro ao acaso entre conhecidos.

Assim, se por um lado, o processo de aprendizagem e produção de uma palavra está inserido em um discurso e, portanto, é um processo dialógico que por sua vez faz parte de um contexto e apresenta um gênero. Por outro lado, também é função do inventário individual do falante, da frequência de uso de das palavras em determinados contextos, dos padrões estabelecidos pela sociedade para a comunicação em um dado registro, entre outros fatores.

OCORRÊNCIAS DE ASTERÍSTICO AO INVÉS DE ASTERISCO

É sabido que a palavra *asterisco* é a derivação da palavra *aster*, de origem grega que designa ‘estrela’, com o sufixo *-ico(a)* de valor diminutivo, significando ‘estrelinha’ ou ‘pequena estrela’. Entretanto, embora *asterisco* signifique etimologicamente ‘estrelinha’, atualmente a palavra não está associada a qualquer estrela pequena, mas, segundo o dicionário Houaiss (2001), unicamente ao sinal gráfico em forma de estrela * formalmente usado na escrita, em geral, para indicar uma chamada de nota ou para assinalar supressão, dúvida ou outra convenção previamente

estabelecida, como em linguística que indica que a forma é agramatical ou em filologia que indica um vocábulo hipotético; registra também o ponto defeituoso de um original na cópia de documentos.

Por outro lado, segundo Viaro (1998), a palavra *asterístico* encontrada na fala brasileira, ao invés de *asterisco*, é uma analogia proveniente da influência das palavras formadas com *-ístico(a)*, como por exemplo, *característico* e *artístico*, dentre outras frequentes na língua.

Feita uma breve pesquisa em *Google Books*, notou-se que, embora a palavra *asterístico* não seja encontrada em dicionários normativos, é possível encontrar várias ocorrências dela, na forma escrita. Nos exemplos descritos a seguir, apresenta-se a primeira ocorrência da palavra *asterístico* (destacada em itálico para efeitos didáticos) encontrada na forma escrita em cada língua ou variante linguística.

No português do Brasil, apresenta-se o primeiro exemplo, extraído de *Annaes do Parlamento Brasileiro. Camara dos Srs Deputados*, volume 4, partes 1-3, Rio de Janeiro, 1860, página 172: “Sessão em 11 de junho de 1860. [...] deste anno, no qual estao especificadas as datas mais notaveis da vida de cada official, e indicados com um *asterístico* os que têm habilidades praticas, bem como expressamente se diz quaes os que possuem as habilitações...”

No português europeu, apresenta-se o segundo exemplo, extraído de *Arquivo dos Açores*, volume 12, edições 67-72, 1892, página 6: “Na Tolha de 1730 levam um asterístico (*) todas as verbas que nao se encontram na folha de 1634 facilitando assim a comparação. Todos os ordenados d'esta folha (excepto os ecclesiasticos) sofreram desconto de 4 e 112 por cento.”

No português angolano, apresenta-se o terceiro exemplo, extraído de *Boletim do Instituto de Angola*, edição 26, 1966, página 91: “Tal como fizemos nessas páginas, procuraremos não nos afastar do texto apresentado à cadeira de 'Estruturas Sócio-Culturais Portuguesas', salvo na actualização de mapas e um ou outro caso que assinalámos com um asterístico.”

Em língua espanhola, apresenta-se o quarto exemplo, extraído de *Principios Elementales de Física y Astronomía. Para uso de los que no han frecuentado las aulas, ni estudiado matemáticas. Por Don Santiago de Alvarado y de la Peña, Notario de los reinos y del ilustre colegio de Madrid, 1829*, página VIII do prólogo: “... como se verá por las citas que hago de ellos al pie, señalando con *asterísticos* quanto he copiado literalmente de los espanholes.”

Em língua italiana, apresenta-se o quinto exemplo, extraído de uma nota do editor em edição escolar-didática de *La divina commedia*, volume 3 de Dante Alighieri, 1828, página

477: “... segnando coll'*asteristico* quelli che nessuno studioso di Dante dovrebbe negligere.”

Em língua francesa, apresenta-se o sexto exemplo, extraído de *Traité de Mécanique Céleste par P. S. Pierre Simon Laplace (Marquis de)*, J. B. M. Duprat (Paris), em 1802, página 278: “Pour les distinguer, j'ai marqué d'une *astéristique*, celles que Mason a déterminées parla comparaison des observations de Bradley, et qui toutes ont été déterminées de nouveau par Burg, au moyen d'un très-grand nombre d' observation...”

Em latim científico, apresenta-se o sétimo exemplo, extraído de *Le Médecin Naturaliste* escrito pelo médico francês Jean-Emmanuel Gilbert, publicado em Lyon, em 1799, página 336: “Quæ *asteristico* notantur, à nobis?, in herbario nostro conservantur...”

Analisando os exemplos pode-se verificar, então, que no português a ocorrência grafada da palavra *asterístico* não se restringe apenas à variante brasileira da língua, ocorrendo também no português europeu e no de Angola. Podemos notar, ainda, que sua ocorrência não é exclusiva da língua portuguesa, pois a encontramos também no castelhano, na língua italiana, na francesa e mesmo no latim científico.

Observa-se nos exemplos que a palavra *asterístico* ocorre majoritariamente no âmbito acadêmico e técnico-científico, e é escrita por autores cultos desde o século XIX nas línguas românicas supracitadas e desde finais do século XVIII

no latim científico. É notório que, ainda que não pertença à norma culta, esta é uma palavra reproduzida por falantes cultos e em âmbitos acadêmicos ou, pelo menos, em contextos de alta formalidade. Assim, o âmbito de inscrição do fenômeno não é regional, mas é um âmbito marcado pela formalidade e pelos discursos no gênero acadêmico e técnico-científico.

O âmbito de uso da palavra pode ser justificado em parte pela própria designação dela, ou seja, sinal gráfico em forma de estrela * formalmente usado na escrita, e reforçado pelo sufixo *-ístico(a)*, cuja utilização frequentemente ocorre no âmbito formal, e, portanto, em discursos pertencentes ao gênero acadêmico e técnico-científico, segundo Areán-García (2012, p. 228-229).

Também o seu período de utilização, a partir do século XIX nas línguas exemplificadas, segundo Areán-García (2012, p. 194-197), se justifica pelo período em que o sufixo *-ístico(a)* começa a mostrar relevância, ocorrendo na formação de palavras.

Assim, o fenômeno observado é bem mais amplo do que inicialmente se poderia imaginar e não é apenas fruto regional de uma variante do português brasileiro, procedente apenas de uma analogia proveniente da influência de palavras formadas com o sufixo *-ístico(a)*. Tampouco é algo procedente de problemas de escolarização ou de um processo de hipercorreção, uma vez que ocorre entre falantes cultos.

ANÁLISE DO CRUZAMENTO ENTRE SUFIOS

Na análise das ocorrências da palavra *asterístico* ao invés de *asterisco*, do ponto de vista morfológico, evidencia-se o uso do sufixo *-ístico(a)* em detrimento de *-isco(a)*. De modo similar aos cruzamentos vocabulares, mostra-se, neste exemplo, um cruzamento não entre vocábulos, mas entre sufixos: *-isco(a)* e *-ístico(a)*.

Assim, retomando a palavra *asterisco*, nota-se que sua formação se dá com a base culta *aster* derivada com o sufixo *-isco(a)*, cuja função é formar diminutivos. Ao se usar *asterístico* ao invés de *asterisco*, parece haver uma arbitrariedade quanto à função morfemática no uso do sufixo *-ístico(a)*, que é formador de adjetivos relacionais. Vamos, então, tentar entender a motivação do falante ao fazer uso de *-ístico(a)* em detrimento de *-isco(a)*, uma vez que não é funcional, pois *asterístico* é um substantivo, e, portanto, tampouco se mostra como motivação semântica, conforme se coloca nos cruzamentos vocabulares.

Inicialmente, observando o sufixo *-isco(a)*, pode-se dizer que é de origem grega e sua função é a diminutiva com relação à base da palavra. Apresenta pouca produtividade nas línguas românicas, em geral, e pouquíssima frequência de uso. Apesar de ser de origem culta, os vocábulos com ele formados, em sua maioria, inserem-se no âmbito popular de uso. No Dicionário Houaiss (2001), encontramos apenas onze palavras com ele formadas: *abacisco*, *asterisco*, *borrisco*,

chuisco, galisco, ladrisco, lambisco, namorisco, pedrisco, penisco e petisco; das quais apenas *abacisco* e *asterisco* não são de uso popular.

Daí, podemos entender que, no primeiro contato do falante com a palavra *asterisco* haja um estranhamento. Considerando-se as fases do aprendizado de uma nova palavra, anteriormente descritas, na primeira fase, o falante se depara com *asterisco*. Na segunda fase, reconhece que *asterisco* é uma palavra nova usada em âmbito douto.

Porém é na terceira fase que ocorre o estranhamento, pois nesta fase o falante reconhece a base culta *aster-* e um sufixo pouco frequente e usado em âmbito popular, *-isco(a)*, causador do estranhamento.

Procurando por similaridades fonéticas e maior frequência de uso, temos o sufixo diminutivo de origem latina *-ico(a)*, que, embora seja muito mais frequente que *-isco(a)*, tampouco é a opção escolhida pelo falante. Infere-se que além de bases e o sufixo serem de origens diferentes, contribui de modo contundente o fato de as palavras diminutivas formadas com *-ico(a)* também, em sua maioria, inserirem-se no âmbito popular de uso.

Portanto, o critério usado pelo falante ao escolher o sufixo *-ístico(a)* leva em conta vários fatores, não apenas a similaridade fonética e a maior frequência de uso, mas

preponderantemente o seu âmbito de uso comparativamente com o sufixo *-isco(a)*.

Assim, o falante, na quarta fase do processo, reestrutura a palavra com o sufixo *-ístico(a)*, criando a palavra *asterístico*, que lhe faz sentido dentro do âmbito douto de uso. E, na quinta fase, o falante reproduz e utiliza a palavra *asterístico*.

Acredita-se também que o signo é modificado pelo contexto em que se inserem o seu significado e seu significante, marcando assim o discurso do falante ao proferir *asterístico*. Ou seja, o contexto do símbolo formal * usado na escrita faz com que o falante esteja ciente que está diante de um âmbito de grande formalidade. Assim, o falante culto utiliza o sufixo *-ístico(a)* pela semelhança fonética, pela sua maior frequência, mas também pela sua atuação nos âmbitos de grande formalidade principalmente em contextos acadêmicos e técnico-científicos. Dessa maneira, justifica-se, em parte, a formação do cruzamento com um sufixo morfológicamente não esperado, pois deriva adjetivos, mas contextualmente reconhecido e adequado ao gênero do discurso em prática.

No seu processo de discurso, o falante sente-se mais seguro ao marcar a palavra no contexto, pois também é uma forma de ser aceito e, algumas vezes, de se impor dentro de um âmbito douto. Além disso, convém notar que tal fenômeno somente pode ocorrer a partir do século XIX, pois

antes o morfema não mostra produtividade nas línguas românicas, e desta forma, o falante se vale não somente do fato de o sufixo ser culto, tal qual a base *o é*, mas também o de ser uma inovação na língua.

Por outro lado, seja por reforço da influência das obras em castelhano, italiano, francês e/ou suas traduções, nas quais a palavra *asterístico* também ocorre em âmbitos semelhantes desde o século XIX, convém notar que o uso de *-ístico(a)* na formação desta palavra também aponta para a produtividade do morfema. Assume-se, então, que os falantes reconhecem o morfema, a base culta *aster-* e o seu âmbito de atuação ao produzirem *asterístico*, verbalmente ou de forma escrita, impulsionando, ademais, a importância de *-ístico(a)*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na língua, à semelhança das palavras, seus constituintes apresentam designação semântica e também carregam características tais como a valoração (por exemplo, a pejoratividade), além do gênero em que atuam. Assim, de modo análogo às palavras, os sufixos se transformam formal e semanticamente, se associam entre si, são traduzidos e inseridos por meio de línguas veiculares a línguas naturais, circulam em âmbitos específicos, são decalcados, emprestados e adaptados foneticamente a línguas diferentes da de sua origem e nas quais podem vir a ser produtivos abrangendo novos campos semânticos, formando e ampliando constelações próprias. (AREÁN-GARCÍA, 2012, p. 41).

Seguindo esta linha, alguns fenômenos linguísticos que ocorrem no nível das palavras também podem ser observados no nível de seus componentes, por exemplo no nível dos afixos. Especificamente neste artigo ilustramos o fenômeno conhecido como cruzamento vocabular no nível das palavras e seu equivalente no nível sufixal, que denominamos como cruzamento entre sufixos.

Deste modo, observa-se que os sufixos podem carregar conteúdos semânticos, como ainda traços indicativos dos gêneros textuais em que se inserem, época de atuação, entre outros traços designativos. Portanto, deve-se levar em conta os mais variados fatores, meios e condições que podem interferir no processo de formação de palavras pelo falante, inclusive a aprendizagem e o letramento, conforme sugere Viaro (2011, p. 119).

Sabemos que

A formação de palavras pode ter uma função exclusivamente cognitiva, como categorização. Mas, em termos de comunicação, a palavra se forma também em função do enunciado. Este, por sua vez, tem nas palavras a substância em que se estrutura. Assim, é natural que os processos de formação de palavras tenham ou uma função apenas semântica ou uma função mista, em que se liguem fatores semânticos àqueles relacionados ao enunciado ou à relação falante / enunciado. (BASILIO, 2004, p. 80)

Ou seja, as funções não estão isoladas e exclusivas na formação da palavra diante da comunicação, assim, não há apenas uma função semântica ou morfológica, mas um misto de funções que associa os mais variados fatores ao enunciado e à expressão. Desse modo, embora os estudos estruturalistas e gerativistas procurem deixar de lado a enunciação e o gênero textual contrapondo-se aos estudos de análise do discurso, que por sua vez deixam à margem a análise de formação de palavras e, ambas as linhas ignoram o estudo diacrônico e etimológico; consideramos que aliar diferentes perspectivas na pesquisa de fenômenos da linguagem só traz contribuições positivas, mais abrangentes e inéditas para o melhor entendimento de tais fenômenos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREÁN-GARCÍA, N. (2012). *Aspectos sincrônicos e diacrônicos do sufixo -ístico(a) no português e no galego*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: FFLCH USP.

ARONOFF, M. (1976). *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT.

BASÍLIO, M. (2004). *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.

CARDOSO, E. A. (2010). Cruzamentos lexicais no discurso literário. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 39 (1): p. 214-222, mai. – ago.

HOUAISS, A. (2001). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua*



portuguesa. Versão1. Rio de Janeiro: Objetiva.

MACEDO, M. dos S. (2005) Interações nas práticas de letramento – o uso do livro didático e da metodologia de projetos. São Paulo, SP: Martins Fontes.

SANDMANN, A. J. (1991). Competência lexical. Produtividade, restrições e bloqueio. Curitiba: UFPR.

VIARO, M. E. (2011). *Etimologia*. São Paulo: Contexto.

_____. (1998). Formas analógicas na conjugação verbal do reto-românico. *Anais do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: Cifefil, v. 1, p. 181-192.

OUTRAS FONTES

GOOGLE. *Google Books*. Disponível em: <<http://books.google.com.br>>. Último acesso em 26 de fevereiro de 2013.

KLUGE, R. A.; BILHALVA, A. B.; CANTILLANO, R. F. F.. (1996) Armazenamento refrigerado de ameixas 'reubennel' (*Prunus salicina* Lindl.): efeitos do estágio de maturação e do polietileno. *Scientia Agricola*, Piracicaba, v. 53, nº 2-3, mai. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-90161996000200006&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 26 de fevereiro de 2013.

